



**VIVÊNCIA FEMININA PERCEBIDA: ULTRAPASSANDO O APRENDIZADO DO CONTEÚDO PROPOSTO PELO VÍDEO DOCUMENTÁRIO *COMO ELA FAZ?***

**PERCEIVED FEMALE EXPERIENCE: GOING BEYOND THE LEARNING OF THE CONTENT PROPOSED BY THE VIDEO DOCUMENTARY *HOW DOES SHE DO IT?***

Amauri Carboni Bitencourt<sup>1</sup>

Solange Aparecida de Oliveira Hoeller<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto apresenta um relato da experiência realizada com estudantes da primeira fase do Curso de Pedagogia do Instituto Federal Catarinense (IFC) – *campus* Rio do Sul. O objetivo é mostrar a autopercepção dos acadêmicos iniciantes da graduação, que ao assistirem ao vídeo documentário *Como ela faz*, por meio do método fenomenológico, descreveram suas sensações, sentimentos e emoções. Não objetivamos avaliar a apropriação de conceitos ou de conteúdos advindos do vídeo, mas propomos discorrer a narrativa dos discentes que, ao vivenciarem o sensível da arte cinematográfica, experienciaram uma nova maneira de ser e estar no mundo. O aporte teórico que seguimos é a filosofia de Maurice Merleau-Ponty. Este concebe a expressão como a maneira do ser humano se fazer presente no mundo corporalmente. Este relato possibilitou aos estudantes, a manifestação expositiva, na forma de textos, dos momentos vivenciados. Em suma, nossa proposta visa dar voz às suas percepções e, desta forma, contribuir para a formação humana e crítica desses estudantes supracitados.

**Palavras-chave:** Vivência Acadêmica; Fenomenologia; Maurice Merleau-Ponty; Educação Superior.

**Abstract:** This text presents an account of an experience conducted with first-year students of the Pedagogy Course at the Federal Institute of Santa Catarina (IFC) – Rio do Sul campus. The objective is to demonstrate the self-perception of these beginning undergraduate students, who, upon watching the documentary video *Como ela faz* (How She Does It), used the phenomenological method to describe their sensations, feelings, and emotions. Our aim is not to evaluate the appropriation of concepts or content from the video, but rather to explore the narrative of students who, by experiencing the sensitive aspect of cinematographic art, experienced a new way of being and existing in the world. Our theoretical contributions relies on the philosophy of Maurice Merleau-Ponty, who perceives the expression of oneself as the human being's way of making themselves bodily present in the world. This account enabled the students to express their experiences in writing. In short, our proposal aims to give voice to their perceptions and, in this way, contribute to the human and critical development of these aforementioned students.

**Keywords:** Academic Experience; Phenomenology; Maurice Merleau-Ponty; Higher Education.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Instituto Federal Catarinense (IFC), Rio do Sul, Santa Catarina, Brasil. E-mail: [amauri.bitencourt@ifc.edu.br](mailto:amauri.bitencourt@ifc.edu.br)

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Instituto Federal Catarinense (IFC), Rio do Sul, Santa Catarina, Brasil. E-mail: [Solange.hoeller@ifc.edu.br](mailto:Solange.hoeller@ifc.edu.br)



## 1 Introdução

Possibilitar ao acadêmico de uma graduação saberes e métodos eficientes e eficazes que promovam uma educação profissional de qualidade e que também o auxiliem no conhecimento de si e do mundo ao seu redor é o objetivo de todo educador. Além de seguir os conteúdos previstos no ementário de cada componente curricular, o docente precisa pensar em atividades em que as temáticas a serem estudadas sejam momentos em que o ensino e a aprendizagem, de fato, aconteçam. É nesse sentido que há que se buscar novas abordagens nas quais os estudantes consigam participar mais ativamente do processo.

De modo geral, durante o Ensino Médio, especialmente ao assistirem a um filme, por exemplo, é solicitado aos estudantes textos em que eles tenham que desenvolver na terceira pessoa do singular, de maneira a ficarem distantes do objeto de investigação. Assim, pede-se que escrevam um resumo, uma resenha, uma síntese, um esquema, etc. Dificilmente são solicitados a elaborarem um texto em que se coloquem como observadores de si. Nesse sentido, fazer uma proposta de atividade que busque esse novo “olhar pedagógico” — da autopercepção — é primordial, e que deve ser proporcionado aos estudantes ingressantes em um curso de graduação. Isso não apenas os faria pensar no conteúdo abordado pelo vídeo, mas os instigaria a refletir sobre a maneira pela qual se colocam diante de ações como essa.

Assistir a um filme ou documentário pode ser pensado por alguns como uma ação para ilustrar um conteúdo, ou mesmo para fixar o aprendizado de um assunto visto. O exercício que propomos foi, no sentido contrário: em vez de os alunos terem que analisar o vídeo documentário *Como ela faz?* a ideia era, ao utilizar o método fenomenológico, que observassem a si mesmos assistindo ao filme e descrevessem essa percepção de si, produzindo um texto em que utilizassem a primeira pessoa do singular. Esse método de investigação é bastante recorrente em algumas áreas como saúde, psicologia e educação. Contudo, temos visto pouco em nosso ambiente acadêmico de pesquisas. Foi no sentido de promover essa “diferenciação” que elaboramos nossa ação.

O método fenomenológico foi pensado por muitos filósofos ao longo dos dois últimos séculos, como o francês Maurice Merleau-Ponty, que desenvolveu uma *Fenomenologia da percepção*. A inovação, metodológica e conceitual, proposta por Merleau-Ponty, baseia-se no fato de que vivemos em um mundo no qual a corporeidade se faz presente o tempo todo das vivências; diferentemente da ciência ou mesmo da



tradição intelectual em que toma o sujeito e o objeto como entes separados e distintos. Para ele, não temos como assistir a um filme, por exemplo, sem ter que vivenciá-lo, ou seja, não conseguimos suspender nosso eu corporificado e analisá-lo apenas intelectualmente, como se fosse algo externo a nós. O corpo, nesse sentido, participa e se faz presente na ação.

Foi dessa concepção Merleau-pontyana de que é indispensável considerar a vida, nossa condição primeira de ser no mundo como corpo, por meio “da percepção e, ao mesmo tempo, de ser gestos expressivos a partir da atitude de elaborar formas de existir enquanto expressão criativa” (Caminha, 2019b, p. 77), buscando o autoconhecimento, a formação humanística e crítica, é que propomos desenvolver a vivência cinematográfica com os acadêmicos e acadêmicas do primeiro semestre do Curso de Pedagogia. Além da exposição narrativa desses estudantes<sup>3</sup>, faremos uma contextualização da experiência realizada, da Instituição de Ensino, e do Curso em que foi desenvolvida a atividade.

## **2 Contexto da vivência: o Curso de Pedagogia do Instituto Federal Catarinense (IFC) – *campus* Rio do Sul (SC)**

A criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) esteve sob a regência da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que listou dentre os objetivos que caberia aos IFs ofertar “cursos de licenciatura, bem como programas especiais de formação pedagógica, com vistas à formação de professores para a Educação Básica [...]”. Também definiu que cada IF deveria comprometer-se com, no mínimo, 20% (vinte por cento) de suas vagas para atender à demanda de formação de professores.

Nesse contexto, no ano de 2015, um grupo de docentes e técnico-administrativos do IFC elaborou o Projeto de Criação do Curso de Pedagogia, dando início às atividades no ano seguinte, em 29 de fevereiro de 2016. O Curso tem duração de 4 anos (8 semestres) e as aulas ocorrem de segunda a sexta-feira, no período noturno, com possibilidade de atividades complementares ou de reposição de aulas (quando necessário) aos sábados.

Desde o início de suas atividades, até os dias atuais, o Curso recebeu e recebe ingressantes de diversas cidades e regiões do Brasil, sendo a diversidade uma das marcas dos acadêmicos que o frequentam. Vale destacar que o público discente se constitui

---

<sup>3</sup> Informamos que os estudantes estão cientes e de acordo — de modo livre e esclarecido — com a utilização de excertos dos seus depoimentos para compor este texto. Salienta-se de que eles consentiram com a publicação dos depoimentos, os quais, aqui, decidimos fazê-los de maneira anônima.



predominantemente por estudantes que assumem atividades laborais nos períodos diurnos e, à noite, frequentam o curso.

O curso citado também apresenta preocupação com a formação humanística, crítica e ética dos(as) futuros(as) pedagogos(as). O perfil de formação do(a) futuro(a) pedagogo(a) está ancorado em legislações e documentos orientadores, a exemplo das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (Brasil, 2006); a Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015 (Brasil, 2015), que define as Diretrizes Curriculares; bem como a BNC-Formação (BRASIL, 2020). Diante dessas considerações, o Curso apresenta em seu PPC – Projeto Pedagógico do Curso, o perfil dos egressos pautado, além de outros aspectos, os mencionados abaixo:

I – Atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária; [...]

IX – Identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras; [...]

X – Demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras; [...] (Instituto Federal Catarinense, 2023, p. 43-44)

No sentido de alcançar os objetivos formativos dos estudantes, considerando o perfil profissional dos mesmos, além dos componentes curriculares (disciplinas), o Curso compreende outras atividades como estágio supervisionado, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), curricularização da pesquisa e da extensão, projetos formativos, dentre outras.

Em relação a este texto, a articulação se deu com os(as) acadêmicos(as) ingressantes na turma de 2025 do Curso de Pedagogia já mencionado. A primeira fase tem como previsão as seguintes disciplinas: Filosofia da Educação; História da Educação; Pedagogia e Profissão Docente; Pesquisas e Processos Educativos I; Leitura e Produção Textual.

A vivência aqui compartilhada ocorreu com esta primeira fase, no âmbito das duas primeiras disciplinas mencionadas — Filosofia da Educação e História da Educação —, na proposição de atividades integradas entre elas, em diálogos, também, com pontos das ementas das mesmas. O componente curricular de História da Educação tem como proposta em sua ementa: “A educação nas diversas épocas. Os contextos histórico social, político e econômico da educação brasileira. A escola no contexto histórico catarinense. História da educação e as questões de gênero, étnico-raciais, indígena, quilombola” (Instituto Federal Catarinense, 2023, p. 97). Para Filosofia da Educação, tem-se:



Educação e filosofia. As bases filosóficas da educação: teorias clássicas, medievais, modernas e contemporâneas da educação. Processo educativo e suas relações com a ciência ao longo da história da humanidade ocidental. Fundamentos epistemológicos da educação e do processo educativo. Ética e Educação (Instituto Federal Catarinense, 2023, p. 98).

Desde a primeira turma, ingressante em 2016, as disciplinas mencionadas realizam atividades integradas, por vezes, envolvendo todos os componentes curriculares do semestre. Dentre as atividades realizadas, mencionamos: colóquios sobre questões educacionais contemporâneas; viagens de estudos; cursos de formação com atividades acadêmicas, artísticas, científicas e culturais; exposições de trabalhos; quadros de memórias e memorial acadêmico; e também, as sessões de materiais envolvendo a cinematografia, tanto de filmes e enredos de ficção, documentários ou releituras cinematográficas inspiradas em fatos reais.

Para a turma de 2025, dentre outras atividades integradas, a sessão metodológica reservada ao uso da cinematografia para a compreensão da Filosofia e da História da Educação, sinalizou, dentre os materiais eleitos, o vídeo documentário *Como ela faz? A turma (2025)* é constituída por 37 estudantes, sendo 3 autoidentificados como do sexo masculino e 34 do sexo feminino. A faixa etária está entre 18 e 48 anos e a procedência geográfica é diversificada, de cidades e regiões distintas do país. Também observamos que quase cem por cento da turma — com exceção de um estudante — é formado por trabalhadores(as) nos períodos opostos ao Curso. Na sequência da narrativa, apresentamos a metodologia adotada para a vivência com esta primeira fase.

### 3 Como fizemos e *Como ela faz?*

O vídeo documentário *Como ela faz?*, com duração de 1h24min18s, foi exibido no ano de 2021, pela TV Cultura, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, teve a Direção de Tatiana Villela e a Produção realizada por Sylvio Rocha, contando com outros colaboradores<sup>4</sup>.

---

4 Além da Direção de Tatiana Villela e a Produção por Sylvio Rocha, contou com os seguintes colaboradores: Codireção Day Rodrigues, Fernanda Polacow, Selma Perez, Carolina Roxo N. Barreira; Produção Executiva Fabio Glingani; Direção de Produção Juliana Borges; Direção de Fotografia Janice d'Avilla; Argumento Carolina Roxo N. Barreira; Direção de Conteúdo Carolina Roxo N. Barreira; Day Rodrigues; Roteiro Fernanda Polacow; Montagem Selma Perez; Direção Musical Janecy Nascimento; Trilha Sonora Original GARBATO+LOUD; Mixagem Ariel Henrique; Som Direto Carolina Barranco; Coordenação de Pós-Produção Paola Baldi; Marcos Okura; Pesquisa Camila Camargo; Assistente de Direção Tarsila Araújo; Finalização Mistika (dados extraídos do vídeo documentário produzido pela TV Cultura, cujo título completo é *Especial Dia das Mulheres – Documentário “Como ela faz?”*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t7Nw5L8A8DU>. Acesso em: 11 jul. 2025).



A narrativa foi construída a partir da história, imagens e testemunhos pessoais da vida e do cotidiano de 13 mulheres brasileiras (Cida, Adriana, Cris, Maitê, Kamila, Djamila, Duília, Tábata, Gabriela, Carla, Jéssica, Gina, Nina), contemplando distinções e aproximações que revelam as adversidades vividas por elas em suas jornadas diárias, em busca de maiores oportunidades para suas opções, modos de vida e, sobretudo, no mundo do trabalho.

O documentário traz força e cadência ao acompanhar um dia na vida dessas mulheres para mostrar o significado amplo e complexo da palavra trabalho na vida delas, questionando e fazendo refletir sobre: *Como ela faz?* Como conseguem dar conta de tudo e de tanto, em um dia com duração de 24 horas, tendo que superar os desafios que vão muito além do profissional, abarcando a mãe, a filha, a esposa, a cuidadora, a provedora, a sonhadora, a batalhadora. Sejam elas astrônomas, jogadoras profissionais de futebol, filósofas, enfermeiras, professoras, diaristas, empreendedoras ou executivas, os desafios são constantes. Dentre os desafios estão a jornada de trabalho ininterrupta; o acesso e permanência em relação à educação escolar; as desigualdades de gênero, raça e etnia; a desvalorização vivenciada no mundo do trabalho; o enfrentamento aos preconceitos; dentre outras situações que minam e, muitas vezes, impedem a realização dos seus sonhos e marcam a história das mulheres no Brasil.

As reflexões em relação ao conteúdo do vídeo são múltiplas, dependendo da pessoa (qual das mulheres a que se refere), contexto e sua história e experiências, entretanto, é possível considerar alguns aspectos convergentes quando o que está sendo narrado são histórias relativas a mulheres brasileiras.

O documentário dialoga com mulheres que lidam, cotidianamente, com a desigualdade de gênero no mercado de trabalho; com o fosso que separa homens e mulheres; e também mulheres brancas e mulheres negras em termos de acesso à educação e outras oportunidades; salários desiguais; delimitação de papéis sociais que impõe à mulher a maior, ou exclusiva, responsabilidade de cuidados com a casa, com os filhos, com os pais; dificuldades de ascensão na carreira, dentre entre outras, que se apresentam e demarcam as desigualdades de gênero.

Mesmo considerando a riqueza do conteúdo do vídeo documentário, no relato da vivência feminina anunciado no título deste texto, não é o conteúdo, propriamente, que exploramos na atividade proposta às(aos) estudantes da primeira fase do Curso de Pedagogia. Embora já tenhamos experienciado esta forma de explorar alguns vídeos documentários ou de ficção, desta vez, optamos por uma metodologia fundamentada na



fenomenologia, a partir das ideias de Maurice Merleau-Ponty, que será tratada mais adiante.

Ao longo de três momentos distintos, trabalhamos com uma proposta de roteiro que incluiu, inicialmente, a apresentação das disciplinas envolvidas — Filosofia e História da Educação — destacando a cinematografia como um dos recursos didático-metodológicos utilizados nas aulas. Depois deste primeiro diálogo, foram trabalhados os seguintes pontos do roteiro: diálogo entre discentes/docentes sobre a atividade e a formação ética, humanística e integral no Curso de Pedagogia; considerações sobre abordagens e o método fenomenológico na formação do(a) pedagogo(a). Também, nesta ocasião, foram apresentadas as questões abaixo para apreciação do vídeo e elaboração dos registros pessoais:

- a. O vídeo documentário *Como ela faz?* não apenas apresenta histórias, mas também mergulha nas emoções, nas relações sociais e nas estruturas que moldam a vida de algumas mulheres, possibilitando, assim, pensar o próprio corpo e o mundo em que vivem. Diante disso, os relatos do documentário afetaram, de alguma forma, as suas vivências ao longo dos últimos anos? Ou seja, você se viu em alguma das personagens? Alguma fala causou desconforto em você?
- b. O que você aprendeu sobre si mesmo ao assistir a esse filme?
- c. Quais emoções você sentiu ao assistir ao filme? Alguma cena específica provocou uma reação mais intensa em você?
- d. Como você se relaciona com as histórias das mulheres retratadas no filme? Existe alguma experiência pessoal que você considera semelhante?
- e. O filme desafiou alguma crença ou preconceito que você tinha sobre o papel das mulheres na sociedade? Como isso impactou sua perspectiva?
- f. Como a diversidade das experiências femininas apresentadas no filme enriqueceu sua compreensão sobre o papel das mulheres ao longo da história?
- g. De que maneira as experiências físicas e corporais das mulheres são retratadas e como isso influencia a sua forma de ver o mundo?
- h. De que forma os ambientes em que as mulheres estão inseridas afetam suas percepções e vivências, conforme descrito no documentário?
- i. Quais aspectos sensoriais e emocionais do documentário mais impactam a sua própria experiência ao assisti-lo? (Aqui, a intenção é refletir sobre como certos elementos visuais, sonoros ou narrativos do filme despertam emoções ou



sensações específicas, incentivando uma análise introspectiva da reação pessoal do espectador em relação à obra).

A atividade seguiu em seu terceiro momento com a apreciação do vídeo documentário, com pausas breves, em alguns momentos, para que os expectadores pudessem realizar suas anotações ou até mesmo se pronunciar de algum outro modo, se assim o desejassem. Ao final dessa noite, os docentes das disciplinas recolheram as anotações elaboradas pelos estudantes, dentre elas, as que seguem para as reflexões finais deste texto.

#### **4 A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e a vivência feminina percebida: ultrapassando o aprendizado do conteúdo proposto pelo vídeo documentário**

É comum, durante a graduação (e mesmo no Ensino Médio), os estudantes desenvolverem textos nos quais o objeto analisado seja um filme, uma obra de arte, um documentário, um poema, uma viagem de estudos, um jogo, ou qualquer outra situação na qual eles tenham que escrever em terceira pessoa do singular. É um olhar de fora, como se não fizessem parte dessas experiências.

Difícilmente passam pelo exercício de terem que se autodescrever vivenciando esses eventos, projetos e práticas. Quando isso acontece - autopercepção - muitos deles se sentem vulneráveis e inseguros. Por estarem acostumados a falar do que lhe é externo e não a partir de si, ficam desconfortáveis. Não é mais a análise de algo objetivo, mas uma descrição subjetiva e perceptiva. Foi tentando abordar este contraponto da escrita acadêmica que propomos a utilização do método fenomenológico de uma vivência cinematográfica.

Muito utilizado em áreas como a educação, a psicologia e a saúde, o método fenomenológico foi desenvolvido pelo filósofo alemão Edmund Husserl. Suas pesquisas influenciaram diversos intelectuais do século XX. Um deles, Maurice Merleau-Ponty, pensador francês e estudioso de Husserl, escreveu, em 1945, sua principal obra, *Fenomenologia da percepção*, tendo esse método como fio condutor do seu trabalho. No livro ele afirma que a percepção não é algo externo, um olhar de fora, em que vivemos como se não tivéssemos um corpo, mas ao contrário, ele se faz presente em todos os fenômenos vividos, e por isso podemos afirmar que a percepção é corporificada. Ou seja, temos um corpo que nos dá acesso ao mundo, que o percebe e que nos permite interagir com as coisas. O corpo o qual Merleau-Ponty descreve não é aquele concebido pela



ciência, mas um corpo próprio, um corpo que participa das vivências e sem o qual não teríamos experiências. Nesta perspectiva, escreve o professor Iraquitã de Oliveira Caminha (2019b, p. 72):

O corpo é sempre aquele que primeiro interroga o mundo. Nessa perspectiva, a fenomenologia possibilitou Merleau-Ponty retomar a experiência de perceber sem considerá-la de fora, quer dizer, sem tratá-la separada do contato direto e presencial com o mundo, que realizamos, primordialmente, pelo corpo. É assim que o método fenomenológico nos dá a possibilidade de examinarmos a percepção de mundo sem separá-la da experiência de perceber, visto que tal experiência se opõe às elaborações presunçosas da filosofia e às tomadas de posições redutoras da ciência.

Temos, então, um corpo que participa das experiências e que compreende o mundo de maneira pré-reflexiva, antes mesmo de qualquer análise racional que possamos fazer. A esse respeito, o professor Dupond (2010, p. 62) escreve que: “Merleau-Ponty procura restituir a percepção em seu sentido originário, que é o de ser nossa abertura e nossa iniciação ao mundo, nossa ‘inserção’ num mundo, numa natureza, num corpo ‘Animado’”.

“É em nós mesmos que encontramos a unidade da fenomenologia e seu verdadeiro sentido”, escreve Merleau-Ponty (1999, p. 2). Nesse sentido, utilizar o método fenomenológico é dar voz aos nossos sentidos, prestando atenção a tudo aquilo que nosso corpo possa captar do momento expressivo, sem se ater a teorias ou conceitos formados previamente. É no momento presente que a auto-observação tem que se ater. A fenomenologia, nas palavras do filósofo “é a tentativa de uma descrição direta da nossa experiência tal como ela é” (Merleau-Ponty, 1999, p. 1). Nesse sentido, diante de um filme, o espectador tem que estar atento a todos os detalhes: música, tom de voz, personagens, enredo, fotografia, etc. Sobre isso, duas acadêmicas escreveram:

A: *“Como ela faz? me deixou impactada visualmente mostrando imagens dos ambientes onde vivem e trabalham as protagonistas, trazendo para mim, uma visão de outras realidades, sendo assim, uma sensação de proximidade”.*

A autora do excerto acima demonstra ter sido sensibilizada pela representação de diferentes realidades, o que evidencia o impacto das imagens em despertar empatia e ampliar o olhar sobre outras vivências. A próxima explanação evidencia uma percepção sensível da relação entre som e o seu significado:

B: *“Durante as falas das protagonistas do documentário não havia música de fundo, e achei ótimo. Fez com que transmitisse a seriedade que é o assunto. E enquanto nos mostravam trechos da vida de cada uma delas, as músicas escolhidas para aqueles momentos eram lindas e me faziam refletir,*



*principalmente, em como devemos valorizar as oportunidades e tudo que temos”.*

Vemos, com os relatos, que os(as) acadêmicos(as) deixaram-se envolver com a narrativa da película. “*Ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles*” (Merleau-Ponty, 1999, p. 142). Sobre este ponto, vejamos a narrativa de duas acadêmicas:

C: “*À medida em que cada mulher aparecia na tela e contava as suas histórias de vida, suas rotinas e seus desafios diários, senti uma mistura de indignação, empatia e admiração. Não eram só histórias, eram vidas reais, tão próximas da minha, da de pessoas que conheço, da realidade do nosso país*”.

D: “*Aquelas mulheres me lembraram de mim mesma lutando dia-a-dia para conquistar espaço e fazer carreira. [...] As músicas trouxeram sentimentos mistos de emoções: fiquei alegre, melancólica e triste e pensando na minha própria rotina, para onde eu quero ir e o que estou fazendo para chegar lá e que lutas estou enfrentando para conquistar os meus sonhos e o que me motiva dia após dia.*”

Vê-se que a música no documentário provocou algumas experiências afetivas, estimulando reflexões sobre a própria trajetória, seus desafios e motivações, ao conectar emoções com a lembrança da luta diária pela conquista de espaço e automotivação.

Nas percepções dos nossos estudantes do Curso de Pedagogia, foi possível apreendermos aspectos sobre o impacto emocional que o vídeo provocou:

E: “*Durante o vídeo pude sentir diversas emoções. Primeiramente, fiquei triste, por ver que ainda existe tanta desigualdade, preconceito e diferença salarial entre homens e mulheres, principalmente no mercado de trabalho. Em seguida fiquei feliz, ao ver como aquelas mulheres chegaram tão longe [...]. De repente, acabei ficando brava, por ver a falta de apoio que as mulheres recebem durante a gravidez e após o parto [...] E, por fim, fiquei bastante emocionada quando Kamila Rocha contou que acabou desenvolvendo uma depressão pós-parto, algo que acontece com tantas pessoas, e que, inclusive, minha mãe foi uma delas.*”

F: “*Desde o começo do vídeo, senti uma mistura de emoções. Fiquei pensando em como, desde novas, as mulheres já são ensinadas que precisam trabalhar para serem independentes e dar conta de tudo. [...] é bonito ver a força dessas mulheres e tudo que elas enfrentam*”.



Na perspectiva fenomenológica, o envolvimento emocional explicitado nos textos, não é apenas reação, mas constituição de sentido: as espectadoras compreendem a questão da desigualdade e da força feminina, por meio de suas próprias experiências vividas, transformando a percepção individual em análise crítica e sensível no tocante à experiência feminina na sociedade.

Os relatos seguintes demonstram e revelam experiências emocionais intensas e introspectiva, em que o contato com as histórias das protagonistas motivam sentimentos de orgulho, raiva e angústia. Observa-se que isso leva a uma identificação das experiências pessoais e à valorização das conquistas das mulheres ao se verem nas vivências mostradas no documentário:

*G: “Me deu orgulho, me deu raiva, me deu vontade de fazer mais. Me fez lembrar das mulheres da minha vida: minha mãe, amigas, vizinhas e de como todas nós, de algum jeito, estamos tentando fazer dar certo, todo santo dia.”*

*H: “Provoca um sentimento de angústia ao pensar se eu não tivesse a chance de estudar e tivesse que largar meus sonhos e me traz uma conexão com a história da minha mãe”.*

As explanações evidenciam experiências emocionais diversas, diante das exposições do vídeo, pontuadas pelo orgulho, frustração e tristeza. Nota-se que a percepção das barreiras e entraves vividos pelas protagonistas estimula reflexões pessoais:

*I: “Eu me senti emocionada e orgulhosa de saber que sou mulher, me senti com raiva por não ter conseguido conquistar algumas coisas na minha vida”.*

*J: “Meu sentimento, assistindo a essas realidades, é de tristeza, de ouvir situações que poderiam ser diferentes e infelizmente não o são”.*

“A fenomenologia oferece um modo formal de acesso à experiência humana” (Bakewell, 2017, p. 48). Trata-se de descrever fenômenos, vivências, mas também não é a vivência em si, é uma descrição delas. Assim, a abordagem da fenomenologia, como método de investigação das experiências humanas, evidencia que o ponto central se situa na descrição das vivências e não nelas em si. É desse modo que os fenômenos podem ser descritos e analisados subjetivamente. Podemos sinalizar isso no relato a seguir, feito pela estudante que, ao descrever a experiência de assistir ao filme, mostrou-se reflexiva acerca do papel feminino na sociedade:

*K: “O documentário me fez refletir muito sobre meu lugar como mulher na sociedade, sobre o estereótipo e pressão que colocam sobre nós o tempo todo,*



*mesmo diante de um mercado de trabalho patriarcal, ainda nos cobram de sermos boas mães, boas esposas. Somos questionadas sobre nosso corpo, sobre nossos desejos, sobre nossos quereres e ao não termos uma resposta ou questionamento concreto diante disso, somos descredibilizadas, feridas ou excluídas”.*

A reflexão acima, sobre as pressões sociais e imposição de padrões às mulheres, destaca as diferentes cobranças em relação à maternidade, à afetividade e ao corpo. O relato evidencia a consciência das desigualdades exercitadas tanto no mercado de trabalho quanto na sociedade, e mostra como isso afeta o universo feminino. Algo semelhante é expresso nos próximos relatos:

*L: “Ver esse documentário me lembrou tudo que nós mulheres passamos apenas por existir e mesmo com classes diferentes passamos pelas quase mesmas situações. Sendo uma mulher negra praticamente descrita no filme, é difícil ver como essa dificuldade multiplica sobre nós. Ser mulher por si só já é difícil, mas ser mulher e negra, isso dobra mais que o normal. Mulheres fortes e guerreiras são todas aquelas que falam e não têm medo”.*

No vídeo, a questão do gênero e da raça se entrelaçam para intensificar os desafios sociais. Ao valorizar a coragem e a voz das mulheres, salienta-se a força e a resistência femininas necessárias para enfrentar desigualdades erigidas ao longo dos séculos. Isso foi percebido por uma estudante, a partir do depoimento de uma parlamentar:

*M: “Fiquei revoltada e chocada por uma deputada ser barrada e de entrar em salas por conta de ser mulher. Achei que por elas terem cargos públicos não haveria esse machismo ou essa desigualdade”.*

Outra acadêmica também ressalta os sentimentos experienciados na atividade cinematográfica que, simultaneamente, exige uma postura forte e sistemática para se sobressair, no mundo predominantemente machista, permite conceber o feminino como um privilégio:

*N: “Assim como sobre elas, senti toda pressão social depositada em cima da figura feminina desde que somos pequenas. A angústia que sentimos por termos que tomar decisões e fazer escolhas muitas vezes precocemente acaba nos sufocando. [...] Eu senti, durante a experiência, vergonha por vivermos em uma sociedade moderna, com um nível tão alto de machismo, preconceito em um mundo tão aberto. [...] Enquanto assistia ao documentário, as falas de impacto, a trilha sonora, a ilustração do dia-a-dia conforme o cotidiano*



*corriqueiro, as ruas movimentadas, me fizeram sentir momentos em minha vida onde já me vi assustada e perdida. Me fizeram lembrar que, para mim, ser mulher já foi tanto um fardo como um privilégio”.*

A pressão social, presente desde a infância na vida das mulheres, provoca angústia e constrangimento e está enraizado na sociedade contemporânea, sobretudo, por meio do machismo. Os elementos audiovisuais do documentário permitem identificação do espectador, especialmente o feminino, fazendo-o pensar sobre as experiências de vulnerabilidade e reconhecimento vivenciadas. A mulher, muitas vezes, percebe-se ao mesmo tempo como sendo algo ruim (fardo) e como algo bom (privilégio de ter nascido com esta condição).

Algumas acadêmicas relataram lembranças advindas por meio do documentário, demonstrando certa proximidade com suas próprias experiências ou de mulheres que fizeram, parte das suas histórias de vidas:

*O: “Nessa história que assisti, eu identifiquei muito com a história de vida da minha sogra, que sempre teve uma vida muito difícil, vindo de uma infância difícil, com o pai muito agressivo e alcoólatra, um casamento em partes não muito feliz [...]”.*

*P: “Trouxe-me lembranças sobre histórias que havia sobre meu avô, onde ele era extremamente machista com as filhas, me causou desconforto, angústia e sentimento de injustiça”.*

Ambas as narrativas, ao mostrarem que o documentário evidencia experiências familiares marcadas por desigualdades de gênero, dificuldades da vida, ou familiares agressivos e machistas, desnudam emoções guardadas no submundo pessoal. Isso gera sentimentos de desconforto, angústia e injustiça sobre padrões vividos.

Vê-se que muitos – a maioria – se identificam com as falas das protagonistas. No entanto, há quem não se viu no documentário, sentindo-se excluída e não representada, declarando tais condições nos depoimentos que seguem:

*Q: “Parcialmente, me senti um pouco excluída do foco principal do documentário, como, por exemplo, na ênfase ao racismo — este que nunca sofri, por ser branca”.*

Outros relatos se fizeram identificar por um certo sentimento de culpa em relação às condições mais favoráveis, entendido como “privilégio”, em comparação ao vivenciado pelas mulheres do documentário:



R: *“Me senti extremamente culpada por ter nascido branca, por ter estudado em uma boa escola e por estar fazendo faculdade, sendo ‘privilegiada’ por isso”.*

S: *“O documentário me fez refletir em como eu, pessoa de 18 anos, não tenho tanto conhecimento das dificuldades da vida alheia, algo totalmente diferente da minha vida, embora minha mãe e minhas avós tenham passado por algo semelhante. [...] Todo o filme me fez ter orgulho de ser mulher, mas esse sentimento intercalava entre me sentir envergonhada por ser uma mulher tão privilegiada no meio de tantas outras”.*

O relato provocou um sentimento de orgulho por estar enfrentando as dificuldades e batalhando por um futuro melhor:

T: *“Também me emocionei ao perceber como minha mãe sente orgulho de mim por estar fazendo faculdade (que ela não teve oportunidade). [...] Assistir como ela faz? Foi uma experiência de reconhecimento e empatia. Senti que minha história, com suas particularidades, também faz parte de um coletivo maior: o das mulheres que resistem, que sonham, que lutam por espaço, por voz e por igualdade”.*

O relato acima destaca como o documentário despertou reflexões sobre trajetórias de resistência feminina, reconhecendo as oportunidades diante de obstáculos e desafios encontrados. Essas experiências da vivência feminina ao assistirem o documentário foram expostas até aqui pelas acadêmicas do curso. A seguir, apresentaremos três percepções descritas pelos acadêmicos do curso:

A seguir,

U: *“[...] e quando apareceu aquela família enorme, com muita gente, com casa cheia, todos trabalhando arduamente, me remeteu uma sensação de paz e acolhimento”.*

W: *“As músicas foram boas [...] e me fazem imaginar cenários, o que facilitou levemente uma conexão com uma ou outra mulher do documentário”.*

X: *“Ao assistir ao documentário, fico muito emocionado: os sentimentos variam de raiva, indignação, orgulho e até mesmo alegria quando somos os exemplos de vivências [...] mesmo explorados, no seu dia-a-dia [...] mulheres com estilos de vida muito diferentes enfrentam problemas compartilhados”.*

Mesmo sendo um documentário em que há somente protagonistas mulheres, os acadêmicos puderam escrever textos em que viam a si, em percepção do masculino, nas



exposições do trabalho diário do feminino. Afinal, as sensações, os sentimentos e as emoções são universais, isto é, fazem parte do mesmo fenômeno.

Por meio da percepção é que o espectador se envolve com a experiência sensível e encarnada, revelando sua subjetividade na obra aberta e em curso, sendo vivida diante de seus olhos, em sua aparição crua e temporal, levando-a a instaurar sentidos e provocando reações que diferem de cada expectador que vê. Assim, a escrita proposta não é sobre o objeto cujas explicações são lógicas e racionais, mas é a descrição do seu ser tendo um corpo que participa e que pode causar reações, trazendo-lhe lembranças e emoções. Em síntese, “a pessoa de início descarta as ideias feitas e as noções de segunda mão e depois descreve a coisa tal como ela se lhe apresenta diretamente” (Bakewell, 2017, p. 106).

Ultrapassando os métodos voltados para a análise conteudista de algum item do ementário de um componente curricular é que os(as) acadêmicos(as) desenvolveram seus textos. Marcados pela subjetividade na auto-observação, eles/elas mostraram que “as palavras não podem ser consideradas como uma vestimenta do pensamento; são fundamentalmente um prolongamento do corpo” (Coelho Jr, Carmo, 1991, p 85). Não apenas isso, mas “Dar ouvidos aos apelos do corpo pode ser considerado o esforço de buscar novos caminhos para a filosofia” (Caminha, 2019a, p 11) e, por consequência, para o fazer pedagógico acadêmico. Assim, no contexto fenomenológico, o corpo:

[...] projeta já um alcance pedagógico: ele nos ensina que a experiência humana extravasa os limites puramente biológicos, físicos, materiais. Não se trata mais do corpo reduzido como objeto da anatomia ou da fisiologia. Trata-se do corpo como um ser de fenômeno, quer dizer, um comportamento que se revela como princípio de transcendência (Silva, 2012, p. 61).

Com os relatos da vivência cinematográfica dos acadêmicos e das acadêmicas do Curso de Pedagogia, verificamos o quanto a arte possibilitou ir além do próprio eu, em um entrelaçamento entre o corpo e a arte, trazendo uma ampliação de conteúdo e pormenores que a película fez ver. Assim, assistir a um filme é mais do que olhá-lo: é se envolver com ele, é perceber que um novo eu se constrói e se amplia. Essa experiência possibilita reaprender a ver. Afinal, de acordo com Merleau-Ponty (1999, p. 14), “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável”.



## 5 Reflexões finais

A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty ressalta que a experiência perceptiva e a corporeidade são elementos fundamentais para o entendimento dos sujeitos na maneira como se relacionam com o mundo. Também é caso da vivência da arte cinematográfica exposta em nosso texto. Merleau-Ponty argumenta que a percepção é um ato em que a passividade e a atividade estão conectadas, por fazerem parte de um mesmo fenômeno. No contexto do cinema, isso implica afirmar que a experiência de assistir a um filme não é apenas passiva, mas envolve uma interação dinâmica entre o espectador e a tela. Assim, o corpo e a obra estão intrinsecamente entrelaçados.

O corpo do espectador desempenha um papel crucial nesse processo e, por consequência, em todos os empreendimentos da vida. A interação entre o espectador e a obra se entrelaça, resultando em uma experiência única e individualizada. Essa abordagem revela a complexidade da relação entre o cinema e a percepção humana, destacando o potencial das experiências sensoriais e emocionais provocadas pelo filme.

Em sua obra *Ver segundo o quadro, ver segundo as telas*, o professor italiano Mauro Carbone disserta acerca do interesse que Merleau-Ponty tem pela pintura e pelo cinema:

Penso que a caracterização que Merleau-Ponty visa proporcionar se aproxima, muito mais, de outro modelo, que questiona de uma maneira diferente a nossa experiência contemporânea das imagens: o modelo da *tela* (entendida como uma superfície opaca que, ao invés de impedir a nossa visão, nos faz ver). O modelo da janela nos fazia acreditar poder fixar o visível “em seu lugar”, enquanto que, obviamente, a tela *nos faz ver* “segundo ou com” ela. Daí o interesse pelo qual Merleau-Ponty nunca deixou de usar o cinema [...]” (Carbone, 2019, p. 10)

Assim, para além da experiência de um recorte de “janela”, fixo e imóvel, como as pessoas estão acostumadas a observar a arte clássica, Merleau-Ponty já afirmava que a pintura, especialmente aquela concebida após o impressionismo, faz ver linhas, cores e movimento, coisas que permitem ao espectador perceber-se como ser partícipe do mundo. Ou seja, a pintura não é apenas a junção de cores e formas, mas também a “animação interna”, fazendo com que a pintura não seja algo estático, levando o espectador a uma interação efetiva com a obra. De acordo com Carbone, isso é mais visível na arte cinematográfica e por isso o interesse do filósofo francês pelo tema.

Os estudantes e as estudantes da primeira fase do Curso de Pedagogia do Instituto Federal Catarinense – *Campus* Rio do Sul viram que o vídeo documentário *Como ela faz?* explora as experiências vividas por mulheres em diferentes contextos e realidades,



destacando suas lutas, conquistas e práticas cotidianas. À luz da fenomenologia, podemos compreender que o filme busca revelar vivências femininas, resultando em textos nos quais a subjetividade e a percepção individual foram destacadas. Assim, os(as) estudantes consideraram suas próprias histórias por meio dessas mulheres, repensando e ressignificando suas próprias vidas.

Por meio dos textos elaborados, concluímos que o vídeo documentário não apenas apresenta relatos de trabalhadoras diversas, mas também as fez mergulhar nas emoções, nas relações sociais e nas estruturas que moldam a vida de algumas mulheres, possibilitando, assim, repensando a si mesmas, enquanto sujeitos, e o mundo em que vivem.

Essa atividade de autopercepção permitiu aos estudantes do Curso de Pedagogia a compreensão de que novas metodologias de pesquisas acadêmicas são possíveis, sobretudo no que tange ao conhecimento de si, de seu corpo e do mundo em que vivem. Isso leva-os a conceber o mundo não apenas de maneira objetiva, mas subjetivamente, em que são também protagonistas do processo de construção do saber.

Em suma, o vídeo documentário mostrou um universo de vivências, permitindo com que os espectadores sentissem e compreendessem as realidades que muitas vezes são invisibilizadas. Assim, *Como ela faz?* tornou-se um espaço de reflexão sobre a condição feminina, convidando a uma escuta atenta e significativa, fundamental para a construção de uma consciência de si — corporificada — sobre a diversidade de experiências, especialmente contribuindo na formação humanística e crítica das discentes mulheres do Curso supracitado.

## Referências

BAKEWELL, S. **No café existencialista**: o retrato na época em que a filosofia, a sensualidade e a rebeldia andavam juntas. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução do CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, DF: Diário Oficial da União, Seção 1, p. 11. 16 maio 2006

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, DF: Diário Oficial da União, Seção 1, p. 8-12, 2 julho 2015

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP n. 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da



Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, DF: Diário Oficial da União, Seção 1, p. 46-49, 15 abr. 2020.

CAMINHA, I. de O. **10 lições sobre Merleau-Ponty**. Petrópoles, RJ: Vozes, 2019a. (Coleção 10 Lições)

CAMINHA, I. de O. O olhar filosófico de Merleau-Ponty e a via como expressão criativa. In: FALABRETTI, E.; OLIVEIRA, J. (org.). **Fenomenologia da vida**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2019b.

CARBONE, M. **Ver segundo o quadro, ver segundo as telas**. Caxias do Sul-RS: Educs, 2019.

COELHO JR. N.; CARMO, P. S. do. **Merleau-Ponty: Filosofia como corpo e existência**. São Paulo, SP: Escuta, 1991.

DUPOND, P. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2010.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia – Campus Rio do Sul**. Rio do Sul, 2023.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

SILVA, C. A. de F da. Fenomenologia e educação: uma abertura recíproca. **Semina – Ciências Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 59-64, jul. 2012. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/11506>. Acesso em: 11 jul. 2025.

TV CULTURA. **Especial Dia das Mulheres – Documentário “Como ela faz?”**. Youtube, 10 mai. 20. 1h24min18s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t7Nw5L8A8DU>. Acesso em: 11 jul. 2025.

**Recebido em:** 21 de julho de 2025.

**Aceito em:** 26 de novembro de 2025.